

ALBERT CAMUS E A REVOLTA MARGINAL

Juliane Bürger
UFSC

"Ser um europeu no Oriente – comenta Edward Said – sempre implica ser uma consciência distanciada do seu meio, e diferente dele."

Por sua condição de "francês da Argélia", Albert Camus desde muito jovem já manifestava em seus escritos um forte senso crítico quanto a questões políticas, sobretudo no que se referia às relações entre a Argélia e a França. Já por volta dos seus vinte anos, redige textos onde a revolta, um dos temas "chave" de sua obra, ocupa um papel relevante.

Adere, em 1934, ao PCF, atitude comum entre os intelectuais da época. Esse era o partido que se apresentava como sendo o da classe trabalhadora e da fraternidade. Camus viu na adesão ao PCF a oportunidade de realizar uma ação política que obtivesse mais resultados do que suas críticas solitárias. Por não conceber a atividade política como um carreirismo, Camus não é um militante comum. Estava preocupado em conseguir dar voz às suas aflições, relacionadas sobretudo ao fascismo, ao imperialismo e ao colonialismo.

Mas, por se sentir incapaz de querer ou aceitar a morte do adversário, por marcar sua posição contra a violência, ele resolve em 1937 desligar-se do partido. Isto não significa um desinteresse do autor pela política. Camus, entre outros escritores, pensava na arte como uma forma de expressar corajosamente suas convicções, sem a preocupação com a fidelidade a qualquer partido ou organização. Resolve, então, militar através de seus textos e pela ação, interferindo pela única maneira que lhe cabia: a palavra. Sua arte tinha uma finalidade, a ação política. Sua luta era pela paz. Entretanto, não era ingênuo quanto ao seu pedido pacifista, como muitos o pretendiam. Sua luta implicava acima de tudo no combate ao uso de armas. A ação se dava pela própria revolta, mostrando a não convivência

com os assassinos. Entre as conferências proferidas por Camus no Brasil, é em *Le temps des meurtriers* que o autor explora mais detalhadamente este tema da posição que cada um de nós assume diante do problema da violência.

Le temps des meurtriers, retoma de maneira mais aprofundada o sentido da revolta. O tema desta conferência anuncia o conteúdo de uma das mais polêmicas obras de Camus, *L'Homme révolté* (1951), cuja publicação trouxe, entre outras consequências, o rompimento do autor com o amigo e escritor Jean-Paul Sartre. Nesta conferência, Camus alerta os seus interlocutores sobre a importância destes se posicionarem diante do problema da violência e da guerra. Ele, como muitos de sua geração, tiveram de aceitá-las, sofrendo suas consequências. Sua postura recusa a passividade que classifica a morte como assunto de estatísticas e nega a política que tenta obter o direito de regulamentar tudo, catequizando política e moralmente o mundo. Ele defende nesta conferência seu ideal como resistente incondicional:

"Pode-se pensar talvez que a atitude bastante limitada da qual falei, só tem chances modestas contra as forças do assassinato. Mas, seguirei assim, pois não vejo desta forma. Trata-se de uma prudência bem calculada, aliás provisória, que exige força e obstinação. Simplificando, exige que se ame a vida mais do que à idéia. Eis talvez o que a torne difícil, numa Europa que desaprendeu a amar a vida..." (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 70) ¹

Ao dizer que a Europa chegou à situação em que se encontra, onde a morte não representa mais do que números, talvez Camus quisesse provocar os europeus no que diz respeito a tão prestigiada, sobretudo entre os franceses, justiça social. Mais adiante ele

¹ "On pensera peut-être que l'attitude assez limitée dont j'ai parlé, n'a que des chances modestes contre les forces du meurtre. Mais, je conclurai ainsi, ce n'est pas mon avis. Car il s'agit d'une prudence bien calculée, d'ailleurs provisoire, qui demande de la force et de l'obstination. Plus simplement, elle demande qu'on aime la vie plus que l'idée. Voilà peut-être ce qui la rend difficile, dans une Europe qui a désappris d'aimer la vie..."

explica que a indiferença européia com relação ao homem está relacionada com sua preocupação de grande continente contagiado com o vírus moderno da eficácia:

"Não há vida sem diálogo. E, na maior parte do mundo, o diálogo é substituído pela polêmica, linguagem da eficácia. (...) Também não há vida sem persuasão. E a história de hoje só conhece intimidação, política da eficácia. " (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 60) ²

Este tema da "eficiência" é retomado por Camus durante entrevista concedida ao jornal *Correio do Povo* (1949), que cobria sua visita a Porto Alegre:

- "A eficiência! Vocês me fazem rir! Ninguém tem outra palavra na boca que não seja esta. Mas eu gostaria de saber, depois de considerar-se os belos resultados da ação eficiente nestes últimos vinte anos, de que lado está a utopia... Ser eficiente dessa maneira – não me interessa. Ademais, a não-violência nada tem que ver com a não-resistência. É justamente o contrário." (*Correio do Povo*, 09-08-49)

Evidentemente a violência que causa a morte não é um assunto recente. Camus também o sabe. Segundo ele: "Não é de hoje que Caim mata Abel. Mais é hoje em dia que Caim mata Abel em nome da lógica e solicita a Legião de honra."³ (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 52) Atualmente o terror instalou-se, pois os valores humanos foram substituídos pelos valores do desprezo e da eficácia e a vontade de liberdade pela vontade de dominação. "Não se tem mais razão por se estar com a justiça e a generosidade. Temos razão quando vencemos. E quanto mais se vence, mais se tem razão.

² "Il n'y a pas de vie sans dialogue. Et sur la plus grande partie du monde, le dialogue est remplacé par la polémique, langage de l'efficacité. (...) Il n'y a pas de vie non plus sans persuasion. Et l'histoire d'aujourd'hui ne connaît que l'intimidation, politique de l'efficacité."

³ "Ce n'est pas d'aujourd'hui que Caïn tue Abel. Mais c'est d'aujourd'hui que Caïn tue Abel au nom de la logique et réclame ensuite la Légion d'honneur."

Em outras palavras, é a justificação do assassinato. "⁴ (CAMUS: 1949; apud BARTFELD: 1995, p. 48)

Estas palavras servem de exemplo ao que o jornalista Fernando Savater escreve sobre Camus em artigo para a Folha de São Paulo: "O escritor Albert Camus forjou um dos diagnósticos mais perfeitos da humanidade do século XX." (Folha de São Paulo, caderno Mais!, 17.12.2000) Esta é, na verdade, uma das muitas críticas que ressaltam a atualidade da obra camusiana. Em outro ensaio para o jornal acima citado, lê-se um comentário de Manuel da Costa Pinto:

Percebe-se hoje uma releitura geral da obra de Camus. Isto se deve, em parte, a acontecimentos editoriais (...). Mas talvez indique também a atualidade de um autor que representa uma estranha alternativa tanto ao engajamento do existencialismo quanto ao pensamento anti-antropomórfico do estruturalismo (as duas últimas correntes hegemônicas da filosofia francesa). (...) Preocupado com as legitimações da violência pelas ideologias de seu tempo, Camus irá privilegiar em *O homem revoltado* o exame dos movimentos políticos mais do que expor dialéticas impiedosas." (COSTA PINTO: 1996, p. 5)

A crítica da atualidade parece perceber a sintonia de Camus com relação aos problemas que se instalaram definitivamente na sociedade do final do século XX. Mais do que detectá-los, o autor já discutia, através da delicada construção de uma trama de idéias, registradas em suas obras, a solução para a situação criada por políticas totalitárias.

Insatisfeito com a posição de intelectual "inativo" no meio burguês, Camus sempre buscou inquieto atingir seu objetivo: lutar contra as formas de poder. Isto se daria pela realização de uma teoria não estanque, que não se totalizasse, mas se multiplicasse. Uma teoria que o "armasse" para a luta contra a eficácia da massificação. Pela necessidade

⁴ "On n'a plus de raison parce qu'on a la justice et la générosité avec soi. On a raison parce qu'on réussit. Et plus on réussit, plus on a raison. À la limite, c'est la justification du meurtre."

que se colocou de lutar com armas mais específicas contra o poder, Camus optou por restringir em seu discurso os temas a serem discutidos: o absurdo, a revolta e suas consequências: a massificação e o crime.

Para solucionar o problema da banalização da morte, seu texto propõe uma atitude, simples, mas que combateria definitivamente tal situação: o diálogo.

Suas visitas a outros países visavam mostrar de uma forma bem clara sua posição com relação à missão do escritor. Elas seguem, de uma maneira geral, um esquema complementar, pois se em *Le temps de meurtriers* Camus pinta um quadro sobre o caos em que se encontra a moral humana, em *Un moraliste de la révolte: Chamfort e Roman et révolte*, discute de que maneira o artista pode atuar pela revolta criadora na solução deste problema.

L'Homme révolté foi tido como um ensaio filosófico presunçoso e Camus foi julgado como um autor que pretendia-se um *maître à penser*. Exatamente o contrário do que ele pensava sobre sua situação. O objetivo de Camus ao discutir o tema da revolta era poder compreender as causas do absurdo que envolve os crimes da sociedade que o cercava e assim poder saber como reagir diante da realidade da violência.

Ele acredita que o sentimento do absurdo torna a morte no mínimo indiferente ao ser, tornando-a admissível. O homem que não reage a esta situação está sendo conivente, sendo a revolta a atitude eficaz a ser tomada no combate à violência. No momento em que o homem aceita a atitude absurda, ele prepara-se para matar. Tudo está, aos olhos de Camus, conforme uma regra, criada pela própria sociedade. (Estas idéias estão muito bem exploradas em *L'étranger*)

A discussão desta lógica da violência analisada em *L'Homme révolté* chegou à favela brasileira. Márcio A. de Oliveira, o ex-chefe do tráfico do Morro Dona Marta, no

Rio de Janeiro, declarou no ano de 2000, durante um depoimento, ter lido a obra de Albert Camus e simpatizado particularmente com as teorias discutidas no ensaio *L'Homme révolté*. Nas palavras de Marcinho VP, como é chamado por sua comunidade, "Li tudo do Albert Camus. Ele sabia que nós íamos existir. Em *O homem revoltado*, ele fala sobre nós, não sabia quem era, mas éramos nós." (*Revista Veja*, 03.05.2000)

A referência à obra camusiana por parte do traficante, quase cinquenta anos depois da publicação de *L'Homme révolté*, pode despertar uma certa curiosidade e causar um certo estranhamento. O fato de alguém vindo de uma classe excluída pela população brasileira ter tido acesso à obra de um escritor francês que, embora ganhador do prêmio Nobel, não figura na lista dos "mais lidos" entre os brasileiros é, no mínimo, curioso. Um delinquente, como Marcinho VP é reconhecido pela sociedade, ter lido Camus nos leva a pergunta: teria o traficante se apropriado indevidamente do discurso de Camus usando o ideal de revolta do autor francês como forma de justificar seus atos violentos? Ou a crítica ao mito do "bom bandido", que vem sendo construída sobretudo pela mídia, cai por terra como mais uma forma de excluir socialmente este ser "marginal" à sociedade que é o favelado?

Sem dúvida o absurdo e a revolta, temas presentes nos textos de Camus, costumam fazer parte do cotidiano de uma favela. A violência das guerras que inspiraram a revolta camusiana pode ser aproximada da violência das guerras civis vividas no dia a dia desta comunidade.

Esta violência foi retratada por muitos autores brasileiros. Em minha tese analiso, em particular, os livros *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, *Capão Pecado*, de Ferréz e *Inferno*, de Patrícia Melo. Estas obras apresentam em comum o fato de abordarem, no meio social da favela brasileira, temas como o da violência, da morte, da revolta, da religião, do absurdo, entre tantos outros. Paulo Lins e Ferréz alertam seus leitores para o momento pré-

revolucionário no qual vive o Brasil. Escrevem não só para a elite mas também e sobretudo para o povo da periferia, discutindo, na sua linguagem, a violência do seu quotidiano. Estão cansados e indignados com o descaso e a inércia da sociedade. Conforme Lins: "A universidade tinha que intervir, mas fica aquele mundinho, um mostrando projeto para o outro e não sai pra lugar nenhum, numa linguagem de jargão, européia." (Paulo Lins para o jornal Folha de São Paulo, 22/07/2000).

Até que ponto é possível aproximar a violência humana delatada por Camus da real violência de uma favela? Ou ainda, até que ponto pode-se aproximar a revolta de um escritor à revolta de um traficante?

Ao se analisar a questão do absurdo muitas questões periféricas se apresentam e tornam-se necessárias à discussão, como por exemplo a disparidade social em que vive o homem marginalizado. Pessoas conscientes do fato de terem sido postas à margem da sociedade, por vezes, despertam para um sentimento de revolta. Segundo Camus: "para dizer que a vida é absurda, a consciência precisa estar viva."⁵ (CAMUS: 1997, p. 416) Camus confronta consciência e niilismo, faculdades tão diversas quanto os reflexos que projetam na vida do homem.

A forma abrangente e lúcida pela qual Camus abordou em suas obras o tema da revolta, vindo a construir o que pode-se chamar de uma filosofia da revolta, torna seu pensamento necessário para a discussão da violenta realidade deste novo século. O ser marginal está exigindo o seu espaço. Discute-se cada vez mais a relação nós (os aceitos) X eles (os excluídos). A percepção do até então dominador, não é mais a de que o perigo está em se dar voz ao dominado, e sim, a de que é preciso dar espaço para ele, pois sua revolta é

⁵ "Pour dire que la vie est absurde, la conscience a besoin d'être vivante."

imprevisível. Decorrente deste fato, a importância de estudar a apropriação do discurso camusiano, que se apresenta como uma interessante fonte para o estudo literário e social.

Como contraponto ao olhar moralista camusiano, por que não buscar a escrita de autores brasileiros, "talentos da escrita periférica", dando o depoimento de um outro ponto de vista. Visões diferentes que, ao serem analisadas, devem proporcionar um rico quadro literário e cultural de um problema que acompanha o homem: a violência.